

EPISTOLÁRIO

Carta inédita de Fialho de Almeida ao poeta João Saraiva

Vila de Frades, 31 de Dezembro de 1886

Meu querido João Saraiva.

Nesse caso, tu casas-te? E' sério, hein? desta vez. Deve ser. — Tu tens uma compleição idilica e tranqüila, que há de engastar-se a primor na vida de família. E, meu filho, o casamento, em vez de te estancar o filão poético, cercará o teu espírito duma serenidade, duma alegria e duma paz, de cuja fotosfera brotarão — dadas as tuas faculdades e o teu carácter, todo interior — muitas e muitas jóias artísticas que essa tua vida de estudante e de irregular te não deixou ainda lapidar superiormente.

Casas-te! Fazes bem.

— Oh! não é o fim, como tu dizes.

Com vinte anos e a tua alma límpida, irisada de todos os sonhos e de todas as boas intenções, eu casaria também, pedindo mesmo a Deus que me não enviuvasse depois. Já tu vês, meu camarada, que a minha opinião sobre o teu consórcio é, pelo menos, idêntica à de tua Ex.^{ma} sogra. Neste ponto de vista, está de vêr.

Ah, meu velho garoto! Nem tu calculas o que eu teria ganho, se, quando ao roçar pela tua idade e pelo teu estado de espírito actual, me tivesse então casado.

Com uma rapariga de juízo, provinciana e meiga, que temperasse com o seu bom senso, um pouco prático, os desvarios tão frequentes na minha conduta de nevrosado.

Provinciana, meiga, um pouco gorda...

Has-de ter reparado que a nutrição reconduz as damas a uma compreensão conspícua e quiçá prestimosa da existência. Ela sagrou, digo eu, a pachorra, essa santa, essa patriarcal pachorra, virtude quadrangular da vida de família, a cujas prestigiosas influências se devem tantos monumentos de arte doméstica; desde as flôres de sola para os adornos de sala; desde as bordaduras a matiz como meio de fixação da fisionomia sobre as almofadas dos canapés; até aos *puddings* e às corôas fúnebres trabalhadas com madeixas de finado — além de muitas outras que omito por concisão desta missiva.

— Uma rapariga honesta e simples, que sentisse por mim muito mais estima de que amor, e fôsse capaz de reconfortar as vacilações da minha coragem, na despedaçadora batalha da vida, com o seu *veto* de *menagère*, e a sua boa palavra terna de camarada.

Ai de mim, querido João! — tenho a bruxulear-me num esqueleto de vinte e seis anos um

espírito de, pelo menos, oitenta e quatro. Com os mesmos reumatismos, as mesmas varizes e o mesmo conservantismo estéril e casmurro. Acreditarás que estou achando talento ao Abel Acácio? Vou chegar aos trinta anos mais cansado da vida de que um cavalo de carroça, e mais decrépito de espírito do que o Vilhena Barbosa ou o conselheiro Vialle — perdão, de que o Adolfo Coelho. Tudo me abandona — eu bem no sinto — o cabelo, os sucos gástricos, a fantasia, as moças da vida, e as minhas antigas e doiradas ilusões.

Há quinze anos que trabalho. Que tenho eu feito? Esquissos, folhetins, cataplasmas de palavras para saudar um assunto de ocasião.

Em cinco anos, todo o mundo há de encolher os ombros quando se falar de mim. Terão subido os que eu escarnecia ou desdenhava — surgirão outros que eu não prevejo ainda, e hão de ser a minha tortura íntima, quotidiana e inexorável. Cada progresso dêles rasgará uma lançada no meu orgulho, que há de ir crescendo com a minha chateza. E o meu ódio por êsses sinistros rivais — sempre, claro está, assim foi: — estará na razão directa da admiração que o talento dêles me impuser.

A minha saúde declina, é evidente: a minha educação nem está ainda no meio — e eu já não posso mais. Hei de tombar na bolorência em que se téem enchafurdado sete mil e quinhentos *doidejantes* em que eu ouvia falar aqui há dez anos, e que hoje são administradores do concelho, boticários ou ratoneiros — e na glória eterna do renome literário, dar-me hão talvez uma dobradiça à mão direita da Guiomar Torrezão, uma pôlha! e à mão esquerda do Magalona, um pulha! Pesadêlo esqualido e atrocíssimo!... E tudo isto por não me ter casado aos vinte anos, como tu vais agora fazer.

Nesse tempo eu era forte, desempenado, travêssio, duma petulância de bom agouro. Por exemplo. Dizia do mavioso poeta da *Lira íntima: um tal Joaquim de Araujo, ou que diabo é...* Que irreverência! Eu até tremo. Comigo mesmo, vinha-me em ondas uma embriaguez cerebral que eu adorava — o Flaubert descreve-a bem, coitado! — e da qual, naquela idade, não podia tirar partido ainda.

O casamento, metodizando-me os hábitos de trabalho, e proibindo-me as divagações e torneios a que os boémios são dados, na sua ânsia de esbanjarem seiva, por tôdas as formas e em tôdas as ocasiões — o casamento ter-me hia conservado a energia e a vivacidade de resistência, canalizando as minhas qualidades para um labor mais salubre, mais sólido, mais honrado e muito mais progressivo e triunfante.

Em tôda a obra de arte é indispensável a influência da mulher. Longe da família — que se me fôra dizimando enquanto eu mourejava lá longe — eu tive a impudência de liquidar a minha vivacidade nas palestras de café e restaurante. Ali sofri essas homéricas indigestões de amêijoas à espanhola, canôas de safio, iscas de fígado e outros alcaloides tóxicos, que mais tarde, tornado hipocondríaco, como todos os dispépticos, me fizeram procurar nas bizarras de apetite pascigo para a *febre de novo* que me devorava.

Assim pude conhecer de perto a batota, o crêdor e o cacharolete (bebida corrosiva popular); e, enfim, as botas de elástico e o João Monteiro.

Pobre dêle! Pobre de mim! Ou, antes — pobres de nós, na hora em que pela primeira vez nos cingimos ao coração!

Inda me lembro. Tínhamos o ar de dois mexilhões escapulidos dum tacho de caldeirada, meio cozidos e rescendendo a cebola — êle mais do que eu.

— Que esperançosos troca-tintas!

E aqui vou eu sòzinho pela vida, como um trapeiro apanhando da viela os lampejos da alegria em que os outros vibram; invejando a sorte dos que se casam, cheios de radiosas promessas, viajam e flutuam pelo país azul dos sonhos límpidos, reconduzidos aos affectos simples e legítimos, impondo-se a missão de pais e de homens úteis, que eu não quis compreender quando a minha hora chegou.

Se busco adivinhar o futuro que me aguarda, eis o que perscruto:

— Ser frade.

— Bulhão-Pato.

— Guarda-nocturno.

— Ou suicida.

Frade?

Os conventos fecharam no dia em que as casas de quadros vivos abriram.

Bulhão-Pato? — Livrai-me, Senhor misericordioso, de eu mesmo me convidar à mesa dos que me aborrecem, e afastai da minha cabeça a cabeleira prateada de académico, e a espingarda mercenária do caçador alugada às temporadas, para massacre das coelheiras de província.

Guarda nocturno, inda vá. Oh, mas suicida, suicida!... Abre-me o seio fecundo, oh Tejo! — jazigo de todos os lixos e de muitíssimos desgostos — que eu já não posso viver com um quatinho por dia.

E adeus, meu amigo. Se eu tenho de ser o Jesus Cristo da boémia, demora o teu casamento algum tempo, e aceita o lugar de discípulo amado. Demais a mais, chamas-te João como o outro.

FIALHO.